3656 - 28

Pela perenidade do Instituto Superior Técnico

por Manuel José de Abreu Faro

Quem mais sente e melhor pode falar da Escola do que os seus alunos?

Quem, em boa verdade, são os alunos da Escola?

Apenas aqueles que a frequentam?

Ou, com mais legitimidade, esses mesmos, mais tarde, formados por essa Escola, quando conscientemente ou inconscientemente, pela formação alcançada, actuam no espírito da Escola, numa atitude comum de um profissionalismo característico?

Se não fosse como as respostas que se adivinham não faria sentido falar da idade da Escola que então e pela negativa seria estéril de frutos próprios.

A Técnica, Revista de Engenharia, da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico é, já por isso, uma expressão que provém dos alunos e onde, de modo principal, têm colaborado os antigos alunos do IST, muitos deles, digamos a maioria, seus docentes.

Lado a lado com o Instituto a Técnica tem aparecido nas grandes efemérides e foi nessa actuação de sempre que se construiu o número especial da Técnica, comemorativo dos 75 anos do IST.

De igual modo nasceu este número especial, cinco anos mais tarde, comemorando os 80 anos do Instituto.

Nos 75 anos seguiu-se, até porque era inexistente, uma linha historio-

gráfica: das origens, das motivações do Ensino Técnico, das razões profundas da existência do IST, do seu fundador, do político que lhe deu existência legal, daqueles que de modo principal contribuíram para a vida e obra do Instituto Superior Técnico, de tudo isso se falou, historiograficamente, citando, referindo fontes, solicitando depoimentos aos departamentos.

Este número comemorativo dos 80 anos quisémo-lo diferente: projecta-se no futuro.

Não por adivinhação mas tão somente pelas enormíssimas potencialidades da realidade Técnico-1991: no Ensino, na Investigação, no extenso e profundo envolvimento dos seus docentes e unidades de investigação e ensino em projectos nacionais e internacionais, nomeadamente quantos respeitam à Comunidade Europeia.

Sem pretendermos ser exaustivos, ouvimos, solicitámos a colaboradores antigos da Técnica, especialistas que são, depoimentos nessas áreas, todas elas importantes, do seu conhecimento e actuação.

Quando aceitei o honroso convite que os alunos me fizeram, aceitei, disse-o à AEIST: apenas seria Director Científico da Técnica se o fosse na condição de antigo aluno do IST, sempre aluno, nunca como professor, em conformidade com os princípios que sempre defendi relativamente à Técnica.

Fácil tem sido o trabalho com os alunos, gratas e importantes têm sido as relações com o Conselho Directivo do IST, nomeadamente com o Presidente do IST, Professor Diamantino Durão.

Dificuldades materiais algumas, esperança de que a Técnica continuará a aumentar o seu nível científico e técnico são realidades difíceis e compensações de prosseguimento que estarão sempre em fatal companhia.

As minhas palavras serão pois de aluno e nessa circunstância também me

projectarei no futuro. Idealmente serei o aluno de hoje com a experiência de todas as anteriores idades.

Assim começo por citar as palavras que escrevi em 14 de Março de 1961, no Jornal da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, por ocasião do cinquentenário do IST.

"Fundado em 1911, completa este ano o Instituto Superior Técnico cinquenta anos de existência.

É um facto importante na vida portuguesa e especialmente sentido por todos os seus antigos e actuais alunos que em estreita colaboração com a Escola desenvolveram já os melhores esforços para uma condigna comemoração do cinquentenário do Instituto.

Não me compete historiar o passado pois que não sendo remoto há quem, por o ter vivido, o possa fazer de melhor maneira, animado pelo doce sentimento da recordação.

Com o tempo resta o essencial e a cinquenta anos de distância é motivo de principal admiração e gratidão para com o Doutor Alfredo Bensaúde que tenha fundado entre nós uma escola de engenharia comportando cinco especialidades servidas por uma sólida base comum de ensinamentos nos domínios da Matemática, Física e Química que em síntese e com propriedade se designou por Instituto Superior Técnico.

Tudo o mais é decorrente ....."

Logo a seguir, em 1962, emanação das comemorações do cinquentenário, realizou-se no IST o Congresso do Ensino de Engenharia. Acontecimento notabilíssimo foi antes de mais uma crítica profunda do Ensino Universitário das essências indispensáveis à sua realidade e prática: ensino original e inovador, investigação intramuros, serviço à comunidade.

Contribuiu de modo notável o Engenheiro Manuel Rocha.

Colaborei, apresentando uma comunicação "Da investigação científica na Universidade e na Indústria".

Nos 25 anos do Instituto, as Bodas de Prata, que melhores palavras para as assinalar do que as de Mira Fernandes, expoente máximo do nível do nosso ensino que sempre e em síntese caracterizava o essencial:

"Fez vinte e cinco anos, em 13 de Novembro findo, o Instituto Superior Técnico, no exercício da sua missão docente, se não nos textos de lei que lhe conferiram existência e personalidade(...).

A pobreza das suas instalações, a miséria dos seus recursos materiais, a hostilidade surda ou expressa dos interesses adquiridos; a descrença de muitos, a indiferença do maior número; nada impediu que o Instituto, numa rápida afirmação de vitalidade, ocupasse,a breve trecho da sua criação, um lugar de honrosa referência, no elencodas escolas superiores do País. Porquê? (...).

Em que medida e de que maneira contribuíram, para tão feliz resultado, a posse efectiva e o uso prudente e judicioso de uma ampla autonomia administrativa e pedagógica, sob a discreta superintendência do Estado? (...).

O Instituto Superior Técnico tem hoje uma casa; oxalá continue a ser um lar".

Esta nova casa eram as novas instalações do IST, que arrancaram a funcionar pelos anos de 1936 e 1937, exactamente nos 25 anos do Instituto.

Ficaram-se devendo a Duarte Pacheco, Director insigne do IST, impulsionador de uma Engenharia Portuguesa de grande dimensão, aviador de espaços, motivos e desafios ao saber, competência e inteligência dos alunos do IST. Não só evidentemente, mas onde os antigos alunos do Técnico tiveram acção notável e dos mais notáveis citamos dois: Ferreira Dias - Companhia Nacional de Electricidade, Manuel Rocha - Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Dois, indissoluvelmente ligados às suas obras maiores.

Alfredo Bensaúde, organizador do Instituto Superior Técnico e seu

director desde 1911 a 1920, terminou em 1921 e publicou em 1922 na Imprensa Nacional de Lisboa as célebres Notas Histórico-Pedagógicas sobre o Instituto Superior Técnico.

Terminava assim a Introdução àquilo que ainda hoje é conselho permanente e motivo de séria reflexão:

"Considero a redacção destas notas como o último acto da missão de que me encarregou o Governo Provisório, embora esta não esteja inteiramente cumprida. A obra não poderá considerar-se completa enquanto o Instituto não for convenientemente instalado; mas, graças, sobretudo, à colaboração dos meus colegas, conseguiu-se o mais difícil: fazer duma escola decadente e desacreditada um dos melhores estabelecimentos de ensino do País, segundo opinião de nacionais e estrangeiros competentes. Esse resultado constitui a demonstração experimental da utilidade dos processos adoptados no Instituto, cuja descrição poderá ser de alguma utilidade imediata ou remota para as nossas escolas. É também esta última consideração que me levou a redigir estas notas, cuja doutrina é da minha exclusiva responsabilidade.

Duas circunstâncias podem aniquilar o Instituto: a primeira e talvez a mais de recear é a facilidade (não ouso escrever a inconsciência) com que se decretam reformas, comprometendo quase sempre os resultados adquiridos. A segunda reside nas dificuldades financeiras do país; a actual depreciação da moeda tornará impossível a vida normal da escola, se as suas receitas não forem consideravelmente aumentadas.

Se, por infelicidade, essas ou outras circunstâncias determinarem a ruína do Instituto ou do espírito que nele domina, ainda a experiência não terá sido inútil; preparou ele para a vida profissional um número elevado de bons discípulos e mostrou ao mesmo tempo praticamente como é bastante fácil conseguir tal resultado quando, ao organizar e conduzir a escola, se põe de parte qualquer outra preocupação que não seja o progresso do ensino.

É com pesar que abandono a direcção do Instituto, o que faço não só por considerações pessoais, alheias aos serviços da escola, que a isso me obrigam, mas também por temer que, nas condições actuais, o Instituto degenere sem que esteja nas nossas mãos evitá-lo, não querendo, nesse caso, presidir à ruína da obra cuja edificação foi, durante anos, a minha preocupação quase exclusiva; além disso, também porque os cuidados da direcção do Instituto, que é uma escola bastante complexa, juntamente com os do ensino, são absorventes em excesso para um professor no fim da sua carreira e na idade em que começa a sentir-se o peso dos anos".

A páginas 145 dessas Notas, no fim, em Apêndice, Alfredo Bensaúde apura e publica:

"Situação que ocupam os antigos alunos do Instituto Superior Técnico"

Segue-se uma plêiade de engenheiros que influíram de modo importante nos destinos deste País.

Como Bensaúde cuidava e se preocupava com os seus alunos.

Sempre os alunos, ingredientes do futuro.

Na qualidade de professor mas num pensamento de antigo aluno que sempre se sentiu bem com a Matemática, escrevi assim, ou quase assim, na introdução da publicação referente ao Departamento de Engenharia e de Computadores

"O nível atingido em Matemática medirá o horizonte tangível"

Sem altura não se irá longe, pelo menos em consciência de ver e saber ir.

Como antigo aluno, tão antigo que já neste momento sou o professor decano da Universidade Técnica de Lisboa e também e, portanto, do IST, não perdi o entusiasmo dos jovens mas adquiri a experiência dos antigos.

Quanto importa é continuar. Continuar, preceito supremo de vida recebida.

Continuar é, no ensino, propiciar aos alunos os voos mais altos, aqueles de que potencialmente sejam capazes.

Pragmatismo, aplicação, são exigências óbvias.

Mas em condição nacional e internacional de baixo nível se não se alicerçarem em prévia e conseguida formação.

A Escola de Bensaúde não se caracteriza por um inventário de receitas, de instruções, normas e regras, mas sim por uma formação que permite enfrentar o difícil, num encorajamento intelectual que não vacila perante a dimensão da dificuldade, por uma consciência crítica e auto-crítica capaz de permanente análise, evolução e adequação.

Quantas outras escolas não existirão assim e ainda bem.

Mas aquela onde, como aluno, me senti bem era assim. Aquela que na qualidade de professor construo ainda é assim.

Como eu teria pena se a minha terra se perdesse da história onde se forjou. Como eu teria pena que o Instituto Superior Técnico quisesse mudar de nome ou sem que assim fosse perdesse a sua alma.

Que a altura que Bensaúde nos apontou se conserve.

Que a dimensão da Engenharia que Duarte Pacheco nos ofereceu continue a ser a nossa.

Que Mira Fernandes continue a ser a medida da nossa formação geral.

Que a Técnica seja e se conserve entre os alunos.

Que à Técnica, espaço livre, aberto a todos os cientistas e técnicos, acorram todos aqueles que contribuem para o desenvolvimento da Engenharia e Ciências Básicas Afins.

Assim esperamos para além dos 80 anos.

Mérito, no nosso entender, terá todo aquele que além de aceitar e entender, sinta, acima de tudo sinta que deve ser assim.

Para quê?

Tão simplesmente para que o IST continue.